

DECOTES DE LINGUAGEM: O PALAVRÃO E O PUDOR PELA PRESENÇA SIMBÓLICA DA NUDEZ

Eugênio Paccelli Aguiar Freire¹
Maria Das Graças Galvão Pinto Coelho²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia

RESUMO: Este artigo é oriundo de uma pesquisa em desenvolvimento e pretende examinar eventuais relações entre a moral cristã e a construção de sentido dos “palavrões” neste país. Para tanto, serão examinados dados sobre o uso daqueles termos do país em paralelo ao escopo lexical relacionado aos palavrões delimitado por grandes dicionários nacionais, somado, ainda, a um breve exame de enxertos bíblicos. Tal análise expressiva será procedida a partir de um diálogo com o conceito do Baixo Corporal, de Bakhtin (2010), e com as compreensões do poder pastoral e das técnicas de si, de Foucault (2008, 2004a). O pensamento a ser desenvolvido em diálogo com aqueles autores buscará a compreensão sobre como compreensões cristãs acerca da sexualidade poderiam compor a carga afetiva associada ao uso de palavrões no Brasil, bem como constituiriam o exercício de abrandamentos para a remissão a partes corpóreas remissivas à sexualidade. Ao final, identificou-se que os palavrões, ao suscitarem a nudez genital, relacionam seus sentidos e valorização social aos pudores corpóreos cristãos, suscitando asco análogo ao do baixo corporal e recuperando, pela linguagem verbal, um constrangimento construído a partir daquele comumente associado à nudez.

PALAVRAS-CHAVE: Tabu linguístico; Abrandamento midiático; Pudor cristão; Comunicação midiática.

ABSTRACT: This article comes from research in progress and intends to examine possible relationships between Christian morality and the construction of the meaning of "bad words" in this country. To this end, data on the use of those terms of the country will be examined in parallel to the lexical scope related to profanity delimited by major national dictionaries, plus, also, a brief examination of biblical grafts. Such expressive analysis will be proceeded from a dialogue with the concept of the Corporal Bass, by Bakhtin (2010), and with the understandings of pastoral power and the techniques of self, by Foucault (2008, 2004a). The thinking to be developed in dialogue with those authors will seek to understand how Christian understandings about sexuality could compose the affective burden associated with the use of profanity in Brazil, as well as constituting the exercise of softening the remission to body parts

¹ Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

² Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

remissive to sexuality. In the end, it was identified that the expletives, when they arouse genital nudity, relate their senses and social valuation to Christian bodily modesty, raising disgust analogous to that of the lower body and recovering, through verbal language, a constraint built from that commonly associated with nudity.

KEYWORDS: Linguistic taboo; Media slowdown; Christian prudence; Media communication.

Introdução

No Brasil, país eminentemente cristão, é comum que, se alguém faz uso de palavrões, entenda-se que se utiliza do mesmo corpo a partir do qual sua mente poderia alcançar o que se considera sagrado para, indiscriminadamente, aproximar deste último elemento material uma espécie de profano, que nada teria a ver com valores de virtude. Nessa direção, é usual a presença de constrangimentos relacionados ao uso do palavrão em diversos contextos.

O poder de provocar reações afetivas desse grupo de palavras suscita dúvidas pertinentes, algumas das quais serão objetos de análise neste estudo: haveria algum tipo de similaridade semântica entre esses termos? Seria possível identificar relações entre as construções de sua força afetiva e preceitos morais da religião prevalente no Brasil?

O presente estudo buscará examinar tais questões. Para tanto, considerará como elementos de análise o universo lexical associado aos termos em estudo por notórios dicionários brasileiros, dados acerca do uso do palavrão no país e fragmentos do próprio texto bíblico.

A análise de tal *corpus* direcionada às questões deste artigo ocorrerá a partir de um diálogo com Bakhtin, no que se refere ao seu conceito de Baixo Corporal (2010), para tentar compreender a carga de sentido dos palavrões no Brasil. Já as compreensões do poder pastoral e das técnicas de si, de Foucault (2004a, 2008), darão alicerce ao exame das interseções entre os campos em análise e às observações sobre como entendimentos relacionados à sexualidade poderiam compor a carga afetiva associada ao uso de palavrões neste país.

O palavrão brasileiro e o pudor do baixo corporal

Não é difícil perceber em veículos de mídia hegemônicos a ampla presença de uma caracterização do palavrão como forma expressiva inconveniente. Esta é normalmente tratada como restrita a contextos indecorosos e obscenos, deixando de lado suas dimensões sociais descritas por Pinker (2008, p. 398), como interjeição (ao comemorar-se um gol do time favorito), hipérbole (ao designar-se o quão distante é um lugar indicando estar longe “para caralho”), até mesmo, cordialidade (pelo uso do vocativo “cuzão” entre amigos) (BURGOS, 2018, n. p.).

Resta evidente que, ao adentrar a categoria do sujo, impuro, essa forma expressiva tem sua valoração ligada à ultrapassagem de certos limites definidos pela moral dos indivíduos.

Tem-se, assim, campo rico para identificar-se os pressupostos que amparariam a valoração do palavrão como algo indecoroso.

Nas definições de “palavrão” nos principais dicionários do país — Houaiss, Aurélio, Michaelis, Priberam — percebe-se que apenas dois termos são recorrentes: “obsceno” e “grosseiro”. Ademais, nenhum dos verbetes encontrados se refere ao papel de ênfase do palavrão ou mesmo à sua dimensão catártica, entre outras demonstradas por Pinker (2008).

Na mesma direção, é difícil não reconhecer a ampla reverberação, em produções das principais empresas de comunicação, da valoração do palavrão como restrito às categorias de obscenidade e grosserias nas quais o termo se esgota nos mais diversos verbetes, estando tais termos sujeitos a um abrandamento midiático se inevitável sua remissão. Nessa prática, costuma-se suprimir trechos das palavras ou substituir alguma de suas consoantes. Tal tipo de compreensão atribui a essas palavras a condição de tabu linguístico, entendido como “toda expressão tida como desagradável, porque ofensiva aos bons costumes, boas maneiras ou porque lembra fatos ou situações desagradáveis” (SANDMANN, 1993, p.222).

Olhando sob o prisma da indissociável relação entre tabu e moral, sendo aquele ligado à possibilidade de violação desta, emerge a hipótese de compreensões morais amplamente disseminadas exercerem forte influência na constituição dos palavrões.

Esse entendimento ganha força ao perceber-se que, enquanto “o alemão xinga muito com palavrões ligados à falta de higiene ou sujeira: *Schwein* "porco", *Sau* "porca", *Scheisse* ‘merda’”, (SANDMANN, 1993, p.222) e “No italiano chamam a atenção palavrões ligados à religião: *porco dio*, *porca madonna*” (APUD, p. 223), os palavrões brasileiros detém forte relação com a sexualidade.

Tais palavrões nacionais ora remetem aos fluidos (porra) ou genitais masculino (caralho, cacete) ou femininos (boceta, priquito), ora ao ato sexual (foder, tomar no cu) ou à depreciação da promiscuidade feminina (filho da puta, puta que pariu, rapariga) e como isso caracterizaria seu parceiro (corno[a], chifrudo[a]). Também é comum que os palavrões brasileiros se direcionem à depreciação da homossexualidade (viado, fresco, bicha).

É evidente que os palavrões no país não se encerram nos supracitados, mas, somando-se àqueles o termo “merda”, parece haver poucas dúvidas que nesses estaria representada significativa parte dos palavrões típicos do cotidiano.

O site “Lista 10” afirma que, por pesquisa on-line com cerca de quinze mil pessoas, chegou ao seguinte resultado sobre os palavrões mais utilizados no Brasil.

- 1º. Caralho: 12,41% (1882 votos)
 - 2º. Porra: 11,63% (1763 votos)
 - 3º. Puta que Pariu: 11,55% (1751 votos)
 - 4º. Filho da puta: 11,29% (1711 votos)
 - 5º. Merda: 8,92% (1352 votos)
 - 6º. Vai tomar no cu: 8,88% (1347 votos)
 - 7º. Vai se foder: 7,61% (1153 votos)
 - 8º. Viado: 6,06% (918 votos)
 - 9º. Puta Merda: 5,68% (861 votos)
 - 10º. Cacete: 4,50% (682 votos)
- (LISTA 10, 2009, n. p.)

Mesmo diante da ausência de pesquisas mais robustas sobre o mesmo tema, não é difícil identificar-se em tal lista um conjunto de palavrões que podem ser percebidos de forma recorrente no contexto brasileiro.

Considerando os populares palavrões listados, é possível identificar nesses uma forte relação com o baixo corporal referido por Bakhtin. O estudioso reconhece como recorrente a existência de uma compreensão social de que as faculdades complexas dos seres humanos estariam relacionadas às partes superiores do corpo, ou seja, ao cérebro que permite o pensamento, à boca a partir da qual é exercida a linguagem verbal, ao rosto que revela expressões da complexidade das emoções humanas. Por essa ótica, sendo as partes inferiores do corpo aquelas que responderiam pelas funções que mais aproximam o ser humano de qualquer outro animal – a excreção pelo ânus, a penetração pelos genitais –, seriam elas a instância em que o humano mostrar-se-ia análogo ao bestial, ao selvagem.

Diante disso, a remissão na linguagem a tal dimensão corporal, típica do palavrão, serviria comumente à representação do vulgar, tendo em vista que “rebaixamentos grotescos sempre fizeram alusão ao ‘baixo’ corporal propriamente dito, à zona dos órgãos genitais” (BAKHTIN, 2013, p. 26).

Tais considerações são caras ao presente exame porque percebe-se, nos palavrões aludidos, relação direta com o baixo corporal. Diversos daqueles termos remetem-se à dimensão sexual ligada à categoria identificada por Bakhtin: “caralho” e “cacete” aos genitais; “porra” à ejaculação. Outros também se relacionam à sexualidade: “puta que pariu” e “filho da puta” à promiscuidade feminina; “vai se foder” à masturbação, “viado” à homossexualidade. Apenas “merda” traz relação com a excreção como elemento grotesco, podendo compreender-se “vai tomar no cu” como expressão plural por se relacionar tanto ao orifício corpóreo da excreção, quanto ao ato sexual caracterizado por penetração anal, alheia

ao intuito reprodutivo e, por isso, estritamente ligado à busca por prazer ou poder sexual (KIPAX; SMITH, 2001, n. p.).

A constituição dos palavrões descritos demonstra uma apropriação do baixo corporal como elemento de grotesco apto a caracterizar o tabu que confere a certas expressões a condição de palavrão. Identifica-se, assim, a construção de um paralelo entre as partes “altas” e “baixas” do corpo e a ideia de ascensão e descenso, superioridade e inferioridade, aproximando-se da noção de céu e inferno. Para além do baixo corporal, tem-se, nas palavras de Bakhtin, “a transferência ao plano material e corporal, o da terra e do corpo na sua indissolúvel unidade, de tudo que é elevado, espiritual, ideal e abstrato”. (BAKHTIN, 2013, p.17).

Assim, a remissão à espiritualidade na dimensão cristã associa o papel do baixo corporal descrito por Bakhtin “aos prazeres do corpo, em especial àqueles de cunho sexual e, por isso, valoradas negativamente pelo cristianismo, mais especificamente o catolicismo medieval e renascentista, por ele estudado” (RIOS, PARKER, TERTO JUNIOR, 2010, n. p.).

Partindo dos referenciais aludidos, não é difícil perceber a relação direta dos palavrões brasileiros com a sexualidade e sua constante remissão ao baixo corporal. Por este último se tratar de dimensão de exercício corpóreo da sexualidade, essencial ao tabu do palavrão nacional, uma melhor compreensão do tema demanda uma análise da moral de seu entorno. Para esse fim, é indispensável lançar um olhar para compreensões morais amplamente disseminadas no Brasil e para sua eventual relação com os norteadores judaico-cristãos. Desse modo, pode buscar-se um melhor entendimento sobre as compreensões morais balizadoras dessa forma expressiva e suas idiossincrasias no contexto brasileiro.

O palavrão brasileiro e o poder pastoral cristão

A Alemanha, berço da Reforma Protestante no século XVI, tem como prevalentes religiões cristãs, assim como o Brasil. Na Alemanha, essas religiões são seguidas por cerca de 61% da população. Todavia, em 2008 “Cerca de 24,9% de alemães se declararam não religiosos ou ateu” (WIKIPÉDIA, 2020a).

No Brasil, por sua vez, em 2010 tinha-se mais de 86% da população seguindo religiões cristãs, sendo de 8% o número de pessoas sem religião (WIKIPEDIA, 2020b). Se é sabido que não ter religião não implica necessariamente que alguém seja ateu, tudo leva a crer que seria ainda menor do que 8% o percentual de ateus no Brasil. Portanto, ainda que todas as

peças que se declararam sem religiões fossem ateias, esse número ainda seria proporcionalmente três vezes menor do que na Alemanha.

Assim, embora a relação seja insuficiente para qualquer conclusão assertiva, chama atenção o fato de ser no país com menor prevalência cristã que os tabus linguísticos dos palavrões se encontram menos centralizados no tema da sexualidade ligados ao baixo corporal, em comparação ao país como significativa maior prevalência daquela religião.

Insinua-se, desse modo, uma relação entre a natureza dos palavrões e a dimensão religiosa em seu entorno. Para refletir-se sobre tal hipótese, vale retomar a compreensão de Foucault sobre o que o estudioso designou como poder pastoral.

Relacionado com o cristianismo, tal poder implicaria na capacidade religiosa de repercutir um modelo composto por uma relação em que uns encontram-se no papel de “pastores”, que guiam os demais e recebem do divino os norteadores a serem seguidos. Outros, por sua vez, ocupariam o papel de “ovelhas”, cuja salvação encontrar-se-ia no seguimento dos preceitos revelados pelo “pastor” e na obediência aos encaminhamentos pastoris. Segundo Foucault, essa dinâmica teria importância fundamental para a prevalência de um modelo de governo em que a coerção física para a obediência acaba substituída pela anuência dos indivíduos em conceder um papel de liderança a outros, reconhecendo-os como aptos a elencar quais seriam os preceitos a serem seguidos.

A partir da aludida compreensão de Foucault (2008, p. 243), é possível identificar que a constituição dos preceitos a serem seguidos pelas ovelhas, pelo rebanho, pode ocorrer diretamente, como se o pastor atuasse como mediador entre a mensagem divina e a humanidade, como no caso da Bíblia, tida na religião cristã como a palavra de Deus.

Outra forma de exercício do poder pastoral ocorre pelos que afirmam ter recebido mensagens do divino em acontecimentos como milagres, visitas de santos e acontecimentos similares. Por essa perspectiva, os parâmetros a guiarem as ovelhas podem ser constituídos pela interpretação da palavra divina voltada a constituição de diretrizes mais objetivas a serem seguidas. Convivem nesse campo as multiplicidades de encaminhamentos específicos dos pastores das diferentes religiões cristãs, cada qual a apropriar-se de modo particular do mesmo texto bíblico

Partindo dessa compreensão, não seria inadequado intuir que o pastorado cristão teria uma influência significativa no proceder de uma população eminentemente adepta de tal credo, como a brasileira. É que se percebe pela forte presença de símbolos cristãos ornando

repartições públicas, Tribunais, Instituições públicas de Ensino, Saúde e Segurança, bem como no confesso uso de preceitos cristãos como fundamentação de instrumentos legais e políticas de Estado elaboradas por gestores públicos, a despeito da instituição legal de um Estado laico no Brasil.

Tais percepções sugerem uma forte influência do poder pastoral cristão no contexto brasileiro. Diante disso, seria consequente que os preceitos centrais das manifestações pastorais fossem igualmente importantes na moral e nos parâmetros de virtude de uma sociedade envolvida no supracitado poder. Por essa razão, detém importância significativa para essa análise a identificação de que

o sexual ou a carne parece assumir, no ideário cristão, uma centralidade que, de algum modo, chega aos dias atuais, atualizadas, por exemplos, nas polêmicas sobre a sexualidade dos jovens, ou o uso da camisinha entre casados e não-casados. (RIOS; PARKER; TERTO JUNIOR; 2010, n. p.)

Os aspectos mencionados apontam para a forte presença no país do poder pastoral do cristianismo, religião para a qual, como visto, a sexualidade é tema central. Diante disso, ganha relevância a indicação, já examinada nesta análise, de que no Brasil se percebe um maior nível de relação do tabu linguístico com a sexualidade em comparação à Alemanha, por exemplo.

Assim, a associação entre tabu linguístico e sexualidade indica apoiar-se na repercussão dos preceitos cristãos acerca desta última, implicando em influência pastoral sobre um Estado Laico em dimensão proporcional ao grau de prevalência da religião cristã entre a população. Diante disso, tem-se importante indicativo de que, no Brasil, a forte relação do palavrão com a sexualidade fomenta-se pela condição de tabu que esta última ocupa no cristianismo amplamente disseminado no país. Afinal, ao associar seu significado à sexualidade – representando órgãos, fluidos ou atos –, os palavrões aproximam-se dos tabus cristãos ligados à tal sexualidade e, assim, remetem ao proibido, àquilo que, aos olhos do cristianismo, deveria ser exercido em condições restritas.

As ligações percebidas trazem importantes indícios de que a grande prevalência da religião cristã e o poder pastoril que exerce resultariam na repercussão de suas compreensões morais na natureza dos palavrões no Brasil. Viu-se indicativos de que esses termos são, em significativa medida, o resultado direto dos tabus disseminados pelo poder pastoril cristão,

fazendo com que os palavrões e o cristianismo compartilhem do mesmo arcabouço moral relacionado à valoração da sexualidade.

Decotes de linguagem: o pudor do pecado original na presença simbólica da nudez

Embora seja sabido que o cristianismo conta com diversas ramificações, a consideração da Bíblia como fonte dos valores morais ensejados pelo poder pastoral é percebida como uma constante nos mais diversos exercícios do cristianismo.

Evidentemente, um levantamento amplo de compreensões morais presentes na Bíblia excederia, em muito, o escopo deste trabalho. Por essa razão, irá tomar-se como referência uma narrativa notoriamente reconhecida como alicerce do cristianismo, aquela do Pecado Original.

Ora, a serpente era mais astuta que todas as alimárias do campo que o Senhor Deus tinha feito. E esta disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda a árvore do jardim?

E disse a mulher à serpente: Do fruto das árvores do jardim comeremos, Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Não comereis dele, nem nele tocareis para que não morrais.

Então a serpente disse à mulher: Certamente não morrereis.

Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal.

E viu a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento; tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela.

Então foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus; e coseram folhas de figueira, e fizeram para si aventais.

E ouviram a voz do Senhor Deus, que passeava no jardim pela viração do dia; e esconderam-se Adão e sua mulher da presença do Senhor Deus, entre as árvores do jardim.

E chamou o Senhor Deus a Adão, e disse-lhe: Onde estás?

E ele disse: Ouvi a tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me.

E Deus disse: Quem te mostrou que estavas nu? Comeste tu da árvore de que te ordenei que não comesses?

Então disse Adão: A mulher que me deste por companheira, ela me deu da árvore, e comi.

E disse o Senhor Deus à mulher: Por que fizeste isto? E disse a mulher: A serpente me enganou, e eu comi.

Então o Senhor Deus disse à serpente: Porquanto fizeste isto, maldita serás mais que toda a fera, e mais que todos os animais do campo; sobre o teu ventre andarás, e pó comerás todos os dias da tua vida.

E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar (BÍBLIA, Gn 3, 1.-15.)

A despeito da nudez constituir-se do modo pelo qual, no campo da sexualidade, se concebe a vida, na narrativa bíblica a consciência da própria nudez pode ser vista como resultado do castigo divino pelo descumprimento de uma obrigação dos indivíduos. Associando nudez e punição, a narrativa tece relações que não se distanciam daquelas percebidas nos palavrões. Afinal, nestes, igualmente a violência ao outro é comumente expressa pela referência ao que a nudez revela, ou seja, aos genitais, à penetração, aos fluídos envolvidos no sexo.

A proximidade da sexualidade com o desvirtuamento revela-se em palavrões como “sacanagem”. O termo pode igualmente descrever o descumprimento de um compromisso com o divino e a realização do ato sexual. É que o significado do termo “sacanagem”, como palavrão, aplica-se àqueles que realizaram “Atitude maliciosa ou perversa; maldade” (SACANAGEM, 2020, n. p.). Não seria inadequado dizer que a palavra definiria o que, na narrativa bíblica do Pecado Original, fizeram Adão e Eva ao comerem o fruto da árvore do conhecimento, mesmo tendo sido proibidos disso por Deus.

Ao adquirirem o conhecimento de que estavam nus, imediatamente passaram a ter vergonha daquilo, mesmo que, em momentos anteriores do livro de Gênesis, não haja qualquer descrição de que Deus tenha levado a que Adão e Eva tivessem pudor de seus corpos ou tenha acontecido algo que justificasse tal vergonha. Representa-se, desse modo, o pudor como algo inerente à natureza humana, para o qual o corpo nu é objeto de constrangimento.

Tendo a palavra “sacanagem” o significado de “maldade” e, ao mesmo tempo, de “libertinagem”, “masturbação” (IBIDEM, n. p.), chama a atenção o fato de que o mesmo termo que poderia descrever o descompromisso e a desobediência de Adão e Eva para com o divino também serviria para referir-se ao ato sexual, diretamente relacionado com a nudez que se coloca como naturalmente constrangedora.

Na narrativa aludida, os seres humanos descobriram, ao mesmo tempo e no mesmo evento, a “sacanagem” do descumprimento de uma obrigação e a nudez, elemento essencial da “sacanagem” remissiva à sexualidade. Tem-se, assim, uma relação de proximidade que repercute nos sentidos desse termo, que trazem a dupla dimensão do pecado original em seu bojo: remete tanto ao desobediente quanto aproxima-se dos pudores que perpassam o sexual.

A ideia da relação natural do pudor com a nudez implicada na reação de Adão e Eva é vista em forma similar em abrandamentos típicos do contexto brasileiro. Nesse cenário,

desvela-se o pudor acerca das partes do corpo cuja exibição caracteriza a nudez pelo fato de que, comumente, até sua presença simbólica por meio de palavras deve ser “coberta”, ainda que parcialmente, como um decote que revela parte dos seios sem descobrir o restante.

Isso é percebido por, normalmente, a remissão a partes do corpo na linguagem verbal não se relacionar a receios. Por exemplo, sem pudores refere-se a braços, pescoço, cintura por palavras que aludem plenamente e/ou representam tais partes corpóreas no campo científico. É assim que normalmente se aprende, desde criança, a nomear o corpo.

Já nas esferas corpóreas diretamente relacionados à sexualidade, como aquelas do baixo corporal, descrito por Bakhtin, é usual no Brasil o uso de mecanismos de exclusão discursiva por meio do tabu do objeto descrito por Foucault (2004b, p. 2). Isso significa que, ao adentrar o campo da sexualidade, o discurso comumente adquire interdições particulares ao embargar o uso de termos que remetam integralmente aos genitais, substituído normalmente por abrandamentos. “Desses meios de dissimulação poderíamos afirmar que eles são formas de ‘dizer, não dizendo’ ou de ‘não dizer, dizendo’ (SANDMANN, 1993, p. 4).

O confronto entre pudor e exibição do corpo atribui uma significativa diferença social entre utilizar um biquíni “fio dental” e ter as nádegas desnudas, ainda que entre essas duas situações haja pouca diferença física em quanto do corpo mostre-se. Na mesma direção, utilizar termos que se sabe referir ao baixo corporal, porém, de alguma forma, “cobrindo” parte de seu sentido a partir de abrandamentos, desvela lógica similar àquela que sustenta aparentes paradoxos como o supradescrito. É como se, ainda que se tenha interesse em desnudar o corpo e a aceitação dos interlocutores para tal, e assim seja feito, há de se impor alguma limitação, mesmo que quase insignificante proporcionalmente ao que se desnuda, para atender ao pudor.

Este é coincidente com aquele da narrativa bíblica que o caracteriza como algo imanente ao ser humano. Tal caracterização parece reverberar nos aspectos aqui discutidos, a despeito, por exemplo, de inúmeras comunidades indígenas que não possuem tal pudor e, portanto, contrariam a noção de uma vergonha corporal que não seja socialmente construída. Em vista da aparente necessidade de resguardar algum pudor, mesmo diante da escolha por aludir à nudez, tem-se, assim, um verdadeiro “decote de linguagem”.

No conflito entre a exibição simbólica do baixo corporal e o constrangimento com a nudez, exarado no texto bíblico, é comum que, ao fazer referência a órgãos genitais em conversas com crianças, adultos, mesmo médicos e educadores, se refiram a tais partes como

“pipi”, “perereca” e outros termos afins, em detrimento das palavras “pênis” e “vagina”. Esse tipo de escolha expressiva também é comumente vista no âmbito midiático, com o uso de termos como “parte íntimas” ou “naquele lugar” (OLIVEIRA, 2019, n. p.) para remissão aos genitais em matérias jornalísticas.

Nessa lógica, se constituintes do baixo corporal referido por Bakhtin, órgãos e orifícios são percebidos como elementos grotescos de serem aludidos no discurso. Como resultado disso, em remissões ao baixo corporal, urina torna-se pipi, fezes tornam-se “pôpô”. Enquanto a sexualidade não possui uma relação natural com o despertar do asco, os excrementos, sim. A despeito de qualquer compreensão moral, os referidos produtos orgânicos são dotados de mal cheiro que implicam em náuseas, nojo, sem mencionar a insalubridade envolvida com o contato com tais elementos.

Sendo a carga emotiva o alicerce do forte significado dos palavrões (PINKER, 2008, p. 416), não é à toa que termos como “merda” e “cu” indiquem estarem apoiados no forte efeito que aquilo que aludem causa nos indivíduos. Afinal, há de se reconhecer a repulsa aos excrementos como traço evolutivo essencial na espécie humana por constituir-se de uma característica atenuadora do contato com situações insalubres, algo especialmente relevante em contextos selvagens.

Seria razoável pensar-se, portanto, que a atenuação da presença simbólica do que fede e leva ao vômito seria notadamente maior do que o abrandamento que se refere à sexualidade. Todavia, não se encontram indícios de uma forte distinção entre o pudor discursivo relativo às duas dimensões referidas.

Similar expediente utilizado para “cobrir” a palavra referente ao que fede é percebido para atenuar a nudez e à sexualidade com a qual detém relação um palavrão. Os abrandamentos são utilizados largamente no uso de expressões que se referem a atos sexuais, como “dormir com”, tanto quanto a defecar ou urinar, aludidos pela expressão “ir ao banheiro”.

Na verdade, da lista anteriormente apresentada que poderia representar dez dos palavrões mais recorrentemente utilizados no Brasil, apenas “merda”, “vai tomar no cu” e “puta merda” fazem remissão ao asco que se indica natural à nossa espécie diante do que alude aqueles termos, estando todos os demais relacionados à sexualidade, seja ao ato sexual e aos órgãos explicitamente implicados, a orientações sexuais ou mesmo a remissão à promiscuidade.

O descrito abrandamento demonstra que há na valoração do palavrão a consideração de aspectos corpóreos relacionados à sexualidade como elemento de vergonha, de modo similar àquela que sentira Adão e Eva ao perceberem estar nus. Desse modo, assim como Deus, ao proibir a degustação do fruto, procurou proteger o ser humano de realizar um ato que implicaria na descoberta da nudez, a presença simbólica, por meio do palavrão, das partes corpóreas que a nudez revela acabam por causar também vergonha similar àquela de Adão e Eva. Identifica-se, assim, indícios de que a forte carga afetiva inerente aos palavrões advém, no contexto brasileiro, de um pudor de similar natureza daquele que baliza a vergonha pelo corpo nu do Pecado original.

Na mesma direção, a nudez e as práticas a essa relacionadas expostas simbolicamente no palavrão, não raramente, acabam sendo considerado um mal, como aquele do qual conta-se na Bíblia que Deus buscou proteger o ser humano. “Vá para a casa do caralho”; “Essa porra de telefone”; “Ele é um filho da puta”; “Vai se foder” são frases que demonstram poder constituir ofensa associar o interlocutor ao ato sexual em si ou, ainda, aproximá-lo semanticamente das partes do corpo cuja apenas a nudez costuma revelar.

Considerações Finais

Neste estudo, observou-se que no campo dos palavrões a forte carga afetiva que os caracterizam ganha força pela vergonha trazida pela nudez. Esta, ainda que simbólica nos palavrões, se faz presente na maior parte dos palavrões utilizados cotidianamente e veiculados, em maior ou menor medida, em produções midiáticas. Assim, sem repercutir o pudor da nudez que, na narrativa do Pecado original, é caracterizada como consequência natural quem conhece o corpo nu, os palavrões brasileiros estariam esvaziados da carga de sentido que os caracteriza como tal.

Tal pudor foi percebido, igualmente, nos “decotes linguísticos”, ou seja, termos que, a partir de abrandamentos, atenuam a exposição simbólica do corpo, tal qual certas peças de roupas desnudam partes do corpo cujo pleno descobrimento caracteriza a nudez. Exemplos disso está no uso de palavras como “pipi” em substituição à vagina.

Para adentrar ao campo do tabu linguístico, os palavrões fazem referência à nudez: “Porra”, “caralho”, “boceta” e termos afins remetem às partes corpóreas que a vestimenta esconde: a dimensão corporal ligada à penetração sexual. Dessa forma, a alusão à repulsa causada pelo baixo corporal e, em similar medida, aos pudores que associam a sexualidade à

impureza vistos em narrativas do cristianismo demonstram constituir a conotação afetiva que marca o palavrão no Brasil.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 2013.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 14 ed. São Paulo: Hucitec, 2010, 203 p.

BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada online. Velho Testamento. Disponível em: <<https://www.bibliaon.com>>. Acesso em: 21 set. 2020.

BURGOS, Pedro. A ciência do palavrão. *Super Interessante*. 2018. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/ciencia/a-ciencia-do-palavrao/>>. Acesso em: 09 set. 2019.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de Dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola, São Paulo, 2004a.

_____. As técnicas de si. In: Coletivo Sabotagem (org.) *Por uma vida não-fascista* (coletânea Michel Foucault Sabotagem), 2004b. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/337824/Foucault-Michel-Por-uma-vida-nao-facista#/> Acesso em: 23 set. 2019.

_____. *Segurança, território e população*. Cursos do College de France (1977-1978). 2008.

KIPPAX, Susan; SMITH, Gary. Anal intercourse and power in sex between men. *Sexualities*, v. 4, n. 4, p. 413-434, 2001. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s12147-014-9129-7>>. Acesso em: 25 set. 2020.

LISTA 10. Os 10 palavrões mais utilizados no Brasil. 2009. Disponível em: <<https://lista10.org/adulto/os-10-palavroes-mais-utilizados-no-brasil/>>. Acesso em: 22 jan. 2020.

OLIVEIRA, Bruna. Emtempo. *Coceira na parte íntima? Veja 10 doenças que estão por trás disso*. Saúde. 2019. Disponível em: <<https://d.emtempo.com.br/femininices/147585/coceira-na-parte-intima-veja-10-doencas-que-estao-por-tras-disso>>. Acesso em: 12 mar. 2020.

PINKER, Steven. *Do que é feito o pensamento: a língua como janela para a natureza humana*. Editora Companhia das Letras, 2008.

RIOS, Luís Felipe; PARKER, Richard; TERTO JUNIOR, Veriano. Sobre as inclinações carnis: inflexões do pensamento cristão sobre os desejos e as sensações prazerosas do baixo corporal. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 20, p. 195-217, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0103-73312010000100011&script=sci_arttext#nt04>. Acesso em: 10 out. 2019

SACANAGEM. In: Michaelis – Dicionário brasileiro de língua portuguesa. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=sacanagem>>. Acesso em: 11 mar. 2020.

SANDMANN, Antônio José. O palavrão: formas de abrandamento. *Revista Letras*, 42. 1993. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/letras/article/download/19127/12427>>. Acesso em: 22 nov. 2019.

WIKIPÉDIA. Religião na Alemanha. 2020a. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Religi%C3%A3o_na_Alemanha>. Acesso em: 02 fev 2020.

_____. Religiões no Brasil. 2020b. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Religi%C3%B5es_no_Brasil>. Acesso em: 02 fev 2020.